

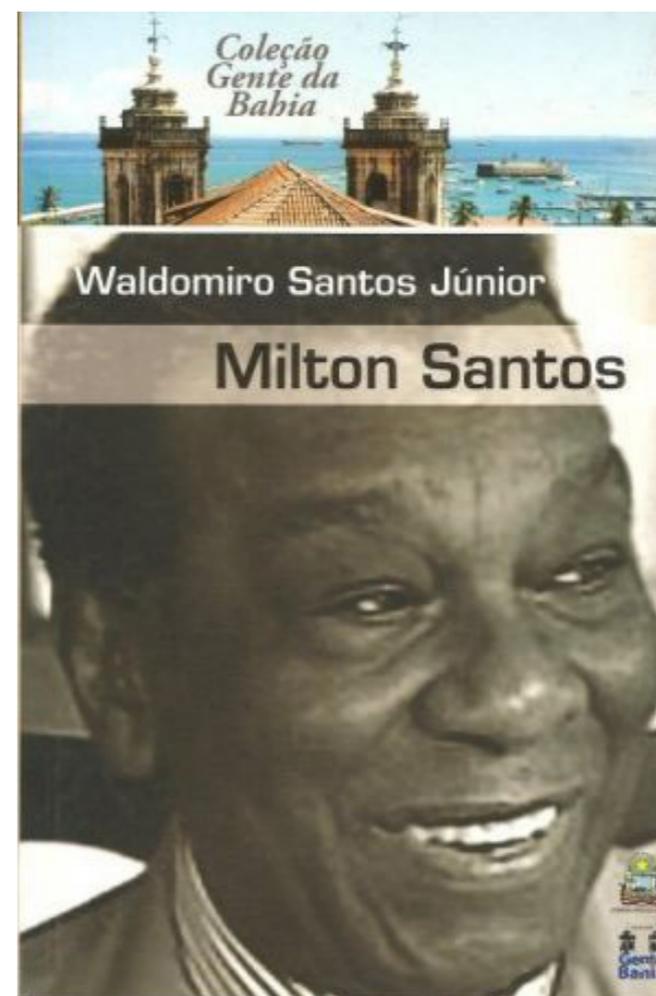
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE MILTON SANTOS

Diogo Marçal Cirqueira¹

SANTOS JR., Waldomiro. **Milton Santos**: reflexões póstumas de um livre pensador. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2012. 378p.
ISBN 978-85-7196-133-3

Tratar da história de uma vida é tarefa complexa. O ato de viver, como qualquer experiência humana, é algo quase que incomensurável em sua totalidade. Uma vez que está no campo dos sentidos e das relações-interações, viver é marcado mais por indeterminações, porosidades e dubiedades do que por certezas prontas e acabadas. Diante desse fato, aqueles ou aquelas que tem a tarefa de estabelecer uma narrativa coerente e organizada sobre uma vida, biógrafos em especial, tem sempre pela frente um trabalho árduo e, em muitos casos, repleto de armadilhas. Não é por acaso que justamente na relação que envolve o narrador e o narrado, o biógrafo e o biografado, aquele que conta e o que é contado etc., alguns teóricos ressaltem o caráter heterotópico e ficcional. Nesse tipo de narrativa, “o autor” – seja ele ou ela o próprio a viver a experiência ou não – constrói e se projeta em um mundo utópico onde figura uma promessa de sinceridade que é, na verdade, uma ficção, como nos ensina Lejeune (1990), e o que Bourdieu (1996), levando esse processo ao extremo, sublinha como “ilusório”. Isso não quer dizer, como ambos os autores também subentendem, que a “ficção” ou a “ilusão” estejam desvinculadas da “verdade”.

Nesse “jogo”, assim, “não há fatos, tão só versões ou interpretações [...] não existe o fato em si, é preciso que alguém dê um sentido, interprete, para que ele se produza” (SODRÉ, 2002, p. 20). Em outros termos, a história de uma vida só existe quando damos sentido à existência. Como o sentido e o significado são sempre multidimensionais e dotados de perspectivas, é impossível se pensar uma vida ou a história de uma vida como algo linear, pronta e acabada. Nessa direção, o processo de narrar uma vida é sempre uma versão parcial e posicionada – espacialmente, inclusive –



e, talvez o mais importante, toda narrativa carrega um pouco do narrador (KOFES, 2001; WOLF-MEYER; HECKMAN, 2002).

Tratar da vida de uma pessoa da envergadura de Milton Santos traz a tona todos esses dilemas. Na verdade, creio eu, é mais complicado ainda, tanto por

¹ Doutor em Geografia (UFF) e professor no Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR-UFF). diogomc@id.uff.br.
✉ Avenida dos Trabalhadores, 179, Verolme, Angra dos Reis, RJ, 23914-360.

conta da singular e extraordinária trajetória desse intelectual, como também, pelo fato dele não ter deixado uma narrativa própria e final sobre si. Tendo esse cenário de fundo, Milton Santos (“o militante das ideias”, “o político”, “o intelectual público”, “o geógrafo”, “o negro”, “o baiano” etc.) sofreu as implicações de ser uma renomada pessoa pública e um intelectual mundialmente reconhecido. Nas narrativas e discursos que o cobrem, a pessoa e o personagem estiveram muito próximos. Para notar isso, basta trocar algumas palavras com qualquer estudante de geografia ou geógrafo, ou mesmo consultar textos de pessoas próximas a ele, como os da Profa. Maria Auxiliadora da Silva (1996). Fazendo um trocadilho com as palavras do próprio, “há tantos Milton Santos quanto forem os geógrafos”. Ademais, como Milton Santos (2000 [1998]) declarou inúmeras vezes, era pouco afeito as “derivadas biográficas”. Por conta dessa aversão, o intelectual possuía um cuidado extremado e definia muito bem as fronteiras narrativas ao expor sua vida pessoal, bem como, modulava com muita astúcia o que poderia ser dito e não-dito sobre si. Isso gerou entre muitos uma imagem do intelectual que toca apenas uma parte de sua *persona* – ou, a parte de sua *persona* que ele gostaria que transparecesse, o que dificulta significativamente construir uma narrativa sólida e desmistificada sobre o mesmo.

Esses foram alguns dos problemas enfrentados por Waldomiro dos Santos em seu livro intitulado “Milton Santos: reflexões póstumas de um livre pensador” (2012). Trata-se de um “perfil” de Milton Santos, como o autor prefere qualificar seu livro ao fugir da ideia de “biografia”. A obra, além de contar com uma seção de apresentação, estrutura-se basicamente em três partes principais através das quais o tom biográfico e a descrição das teorias de Milton Santos se revezam em importância e visibilidade no texto. Na primeira parte, que vai do **Capítulo I** ao **IV**, há uma narrativa mais biográfica, em que o autor

apresenta a trajetória de Milton Santos desde seu nascimento até o seu retorno do exílio. Na segunda parte, que vai do **Capítulo V** ao **VI**, é expressa uma narrativa sobre algumas proposições teóricas e temáticas que Milton Santos passou a tratar quando regressou ao Brasil nos anos de 1980 e início dos 90. Essa parte se constitui, principalmente, a partir das discussões sobre a filosofia da Geografia e em torno dos debates sobre cidadania, globalização e de uma interpretação geográfica do Brasil. Na última parte, **Capítulo VII**, enredado pela descoberta do câncer e pela ideia de morte, Milton Santos narra as lembranças de seus familiares mais próximos e seus últimos dias no leito do hospital. Há também duas sessões sobressalentes no livro. A primeira, intitulada “Caderno de fotos”, traz uma série de fotografias da vida profissional, pessoal e de obras de Milton Santos, bem como imagens referentes a seus familiares e amigos/as. Já a segunda sessão, “Cronologia”, apresenta os principais fatos na trajetória do intelectual: seus livros publicados, títulos e homenagens (póstumas, inclusive). Por fim, uma “Bibliografia” compila sua produção acadêmica.

A “Apresentação” é fundamental para o entendimento do livro, pois é nessa seção que Waldomiro dos Santos apresenta o método, metodologia e concepção de narrativa adotada para compor tal obra. O autor, frente aos problemas que envolvem uma “biografização” de Milton Santos, “um personagem que não se deixaria dominar, não permitiria que alguém o visse por outros olhos que não fossem exclusivamente os seus” (p.7), utiliza-se de uma tática literária – e diríamos também poética – fundamentada no clássico de Machado de Assis, “Memórias póstumas de Brás Cubas” e no “Memórias de Adriano”, autoria de Marguerite Yourcenar. O livro é narrado na primeira pessoa; uma narrativa autobiográfica que tem por suposto relator o próprio Milton Santos a partir de seu leito de morte.

Com essa interessante e instigante estratégia, Waldomiro dos Santos desconstrói as perspectivas que veem na biografia um documento objetivo e acabado sobre uma vida. A tática ficcional não somente o ajuda a burlar a “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996)², como o permite articular a pessoa e o personagem que atravessaram Milton Santos – algo recorrente principalmente no auge de sua exposição pública no final dos anos 1980 e 90, após sua morte e até nos dias atuais. Outro ponto a ser ressaltado, é o fato de Waldomiro dos Santos, literalmente, incorporar Milton Santos e realizar uma espécie de reprodução de suas emoções.

Por outro lado, apesar de ficcionar, o autor não perde de vista os acontecimentos “reais” da vida de Milton Santos. Tendo em conta o fato de o intelectual não ter deixado uma narrativa de sua autoria sobre sua vida, a não ser declarações em entrevistas esporádicas – todas essas, inclusive, muito fragmentadas e com lacunas, um dos méritos de Waldomiro dos Santos é dar ordem a esse conjunto de relatos. Principalmente nos capítulos iniciais (do **Capítulo I** ao **IV**), é realizado um trabalho minucioso e delicado ao ser reunido fragmentos de entrevistas de Milton Santos e declarações de seus amigos/as e familiares e apresentadas de forma coesa, crítica e criativa em uma linguagem literária. Assim, esses capítulos se incumbem especificamente da trajetória e experiências do intelectual (o que envolve seu nascimento em 03 de maio de 1926 em Brotas de Macaúbas-BA, a infância em Alcobaça-BA, o deslocamento para Salvador-BA, o doutoramento na França, o exílio e o retorno ao Brasil no fim dos anos de 1970). Mediante isso, trata diretamente de sua formação educacional, sua ascendência, relações familiares e a inserção na vida acadêmica e política.

² À “ilusão biográfica”, Bourdieu se refere a impossibilidade de se constituir uma narrativa totalizante e conclusiva da vida de um sujeito. Uma biografia está sempre marcada por pontos de vista e por um contexto de interpretação social, o que permite sua revisão constante.

No que toca os fatos que estavam soltos e passavam despercebidos nas entrevistas e falas do intelectual – acerca do que inclusive uma interpretação mais apurada era fundamental – Waldomiro dos Santos os posiciona na trajetória de Milton Santos ao encadeá-los com outros fatos e aos seus contextos. Como exemplo, pode ser mencionado a maneira como são trabalhados os eventos e ocorrências traumáticas (e conseqüentemente pouco abordados por Milton Santos) que envolveram o episódio da prisão e do exílio em 1964. Enfim, ao realizar uma investigação atenta, usar a imaginação de forma perspicaz e efetuar uma leitura apurada, o autor transformou filigranas e resíduos de narrativas em fatos palpáveis.

Do mesmo modo, algo digno de nota é a maneira como Waldomiro dos Santos trata da produção teórica e filosófica de Milton Santos. O autor traduz para uma linguagem literária e oral – sem simplificações – as complexas ideias miltonianas, principalmente as do fim dos anos de 1980 e 90, momento em que o intelectual se centra em estudos filosóficos e teóricos sobre a Geografia. Apesar de não serem citadas *ipsis litteris* para compor os **Capítulos V** e **VI**, nota-se a utilização, principalmente, das obras “Por uma geografia nova” (1978), “Espaço do cidadão” (1987), “Natureza do espaço” (1996), “Por uma outra globalização” (2000), bem como os textos relativos ao livro “Marianne em preto e branco” (1960) e ao “Formação sócio-espacial” (1979).

O capítulo conclusivo, o sétimo, sem dúvida é o mais emocionante e sensível do livro. Nessa parte, Waldomiro dos Santos apresenta o intelectual no leito de morte ao narrar seus últimos dias de vida. Assim, a pessoa/personagem Milton Santos realiza uma profunda reflexão sobre a morte e o ato de morrer, bem como, rememora fatos, lugares e pessoas importantes em sua vida. Trata dos pais, Sra. Adalgisa e Sr. Irineu, dos irmãos Nailton e Yeda, da esposa Marie Hélène, dos filhos Miltoninho e Rafael, de sua “segunda mãe” Justina (a Tina) e da

professora Altair. Fala também do exílio e dos deslocamentos pelo mundo a contragosto e dos lugares de retorno onde fincou raiz, em especial a Escola na Estrada da Rainha (a residência e escola fundada por seus pais). Por fim, elenca os dissabores e alegrias “do gosto pelas ideias”, revela o que o levou à condição de intelectual e, tendo em vista as injustiças presentes no mundo, forçou-o a ser um militante das ideias.

Nesse capítulo, Waldomiro dos Santos nos impele à reflexão sobre as dimensões da emoção em Milton Santos. Algo que figura de forma quase alegórica no título de um de seus principais livros, “Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (1996), e que Milton Santos raramente deixou transparecer em seus escritos, é trabalhado ao máximo em “Reflexões póstumas”. De fato, durante todo o livro o autor usou e abusou da emoção como alegoria e estratégia narrativa ao se utilizar de uma metodologia que intenta expressar (ou reproduzir o que poderia ser) a subjetividade (ou uma narrativa emotiva) de Milton Santos. Contudo, é na última parte que a emoção aparece como método – quem sabe, como desejava o próprio Milton Santos.

Finalmente, se transbordou criatividade textual, (Waldomiro dos Santos é jornalista e literato), faltou-lhe um conhecimento mais aprofundado de algumas propostas teóricas de Milton Santos. Creio que, caso o autor tivesse uma compreensão mais apurada e sistemática desses aspectos, a narrativa seria ainda mais rica e ilustrada. Além disso, teria demonstrado efetivamente como estão conectadas vida e obra em Milton Santos, sem a redução de uma à outra. Obviamente, e aqui devo fazer uma ressalva, conectar vida e obra em Milton Santos não é nada fácil tendo em vista que o próprio estabelecia uma fronteira bem demarcada entre sua vida pessoal e suas atividades profissionais e intelectuais. Nas narrativas que compôs sobre si, há uma disjunção entre sua vida e sua produção teórica. Com

efeito, por conta das “derivas” narrativas bem controladas, em alguns momentos a vida fala mais que a teoria e vice-versa. Não é por acaso que as pessoas que trataram da obra de Milton Santos não tenham conseguido correlacioná-la devidamente com sua trajetória – muito menos aqueles que trataram da vida conseguiram abarcar a obra³. As derivas biográficas controladas geraram um quebra-cabeça difícil de solucionar. Assim, mesmo que Waldomiro dos Santos tenha avançado em vários pontos, essa lacuna permanece.

De qualquer forma, isso não retira o mérito de “Milton Santos: reflexões póstumas de um livre pensador”. Isso “apenas” demonstra que há muito a se fazer para desvendar Milton Santos. Nos instiga e impõe a tarefa de realizar pesquisas mais sistemáticas – e menos falaciosas – sobre a vida e a obra do intelectual, até porque, a questão perdura: “mas, afinal, quem é Milton Santos?” (SOUZA, 1996, p. 68). 

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 1996, p.183-191.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória sócio-espacial de Milton Santos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

³ Conferir os trabalhos publicados em obras produzidas para eventos de homenagem a Milton Santos (SILVA, 2009; SILVA; TOLEDO, 2006; SILVA; TOLEDO; DIAS, 2005).

LEJEUNE, Philippe. On autobiographical pact. In: LEJEUNE, Philippe. On Biography. **Journal of Modern Literature**, Volume 17, Issue 2-3, 1990, p.03-33.

SANTOS, Milton. "O território revela que o Brasil é um país não-governado". **Caros Amigos**: as grandes entrevistas. Dezembro, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Maria Auxiliadora da. Milton Santos: o homem, o seu tempo e o seu espaço. In: SOUZA, Maria Adélia A. de. **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.68-73.

SILVA, Maria A.; TOLEDO Jr., Rubens de; DIAS, Clímaco C. S. **Encontro com o pensamento de Milton Santos**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2005.

SILVA, Maria A.; TOLEDO JR., Rubens de. **Encontro com o pensamento de Milton Santos**: a interdisciplinaridade na sua obra. Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA, Maria Auxiliadora da. **Encontro com o pensamento de Milton Santos**: o homem e sua obra. Salvador: EDUFBA, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo e mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUZA, Maria Adélia A. de. Porque ouvir dizer e por querer saber. In: SOUZA, Maria Adélia A. de. **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.68-73.

WOLF-MEYER, Matthew; HECKMAN, Davin. Navigating the Starless Night: Strategies for Understanding Autobiogeography. In: Autobiogeography: considering space and identity. **Reconstruction**. Summer, v.2, n.3, 2002.